

APROXIMAÇÕES ENTRE A OBRA HAMLET DE SHAKESPEARE E A LOGOTERAPIA

Carlos Vitor Albuquerque Esmeraldo Beserra¹
Carlos Eduardo Soares Reis²

RESUMO: Hamlet é uma obra afluyente de sentido, seja ele na literatura, na psicologia e dentre outras áreas que colocam o homem como um ser multifacetado. O artigo propõe uma análise existencial do livro de Shakespeare que reflete o protagonista em sua angústia e perturbação diante de suas escolhas e do sentido imposto a elas. Para tanto, a teoria de Viktor Frankl, criador da logoterapia, foi utilizada como fator de análise da obra, construindo uma interpretação particularmente existencial. Como método utilizado, a revisão bibliográfica pode correlacionar as obras originais dos autores em questão com apoio de artigos e livros de comentadores. Portanto, o estudo privilegia a literatura e a psicologia equiparando-as a possibilidade de entendimento da existência humana em suas condições peculiarmente existenciais.

Palavras-chave: Hamlet; Logoterapia; Existencialismo.

ABSTRACT: Hamlet is an affluent work of meaning, be it in literature, in psychology and among other areas that put man as a multifaceted being. The article proposes an existential analysis of the book of Shakespeare that reflects the protagonist in his anguish and disturbance before his choices and the sense imposed to them. To that end, the theory of Viktor Frankl, creator of logotherapy, was used as a factor of analysis of the work, constructing a particularly existential interpretation. As a method used, the bibliographic review can correlate the original works of the authors in question with the support of articles and commentators' books. Therefore, the study privileges literature and psychology by equating them with the possibility of understanding human existence in its peculiarly existential conditions.

Keywords: Hamlet; Logotherapy; Existencialism.

INTRODUÇÃO

Há muito tempo as construções humanas clássicas como a literatura, a pintura, escultura e o cinema tem efeito reflexivo sobre o drama da existência humana. Drama aqui, da ordem tanto da infelicidade como da felicidade, tanto do *carpe diem* como do desassossego, fazendo essa transitória característica como o fator existencial do viver no mundo de regras, prazeres obedecidos, censuras e relações de gozo. O encontro com uma obra como Hamlet causa espanto, pois, já que muitas vezes lida, relida e adaptada a outros tipos de canais de comunicação, ainda tem a capacidade de causar incômodo por seus fatores atemporais e bastante profundos. Sobretudo com as indagações eminentemente

¹ Especialista em Psicologia Clínica pela Universidade de Araraquara – SP. Faculdade Maurício de Nassau. E-mail: carlosvitoranimes@hotmail.com

² Faculdade Maurício de Nassau. Faculdade Maurício de Nassau. E-mail: reis_phb@hotmail.com

implicativas, que atravessam a alma humana e a despertam para investigação (SHAKESPEARE, 1599/ 2014).

O autor italiano Calvino (1993), pesquisador dos clássicos, cita que a obra erudita é uma fonte de imensos saberes já que traça observações do antigo ao contemporâneo, aplacando a característica de uma obra clássica que pode ser tanto repaginada como articulada com outro tipo de criação humana, no caso do estudo em questão, a psicologia e filosofia.

Para poder ler os clássicos, temos de definir “de onde” eles estão sendo lidos, caso contrário tanto o livro quanto o leitor se perdem numa nuvem atemporal. Assim, o rendimento máximo da leitura dos clássicos advém para aquele que sabe alterná-la com a leitura de atualidade numa sábia dosagem (CALVINO, 1993, p. 14-15).

No que diz respeito ao artigo, a leitura se baseia em uma análise existencial e logoterápica, ambas confluentes no sentido de uma leitura humana, já que a logoterapia se faz um ramo genuíno da abordagem psicológica fenomenológica existencial. Estas advém de um grupo de pensadores da filosofia existencial e da fenomenologia que consideram o homem como livre para escolher diante do mundo que o cerca de estímulos imediatos o qual, por sua vez, são captados instantaneamente pelas portas do sentido, afetado e conjurado em significado existente, possibilitando o acontecimento de diversos atos que quebram o determinismo objetivado no *lócus* (local factível) que a existência subjetiva atravessa (LIMA NETO, 2013). Freire (2008) fortalece a ideia de que a literatura clássica é formadora de subjetividade através do compartilhamento de sentido dado, uma vez que explora a condição humana em suas circunstâncias mais nobres e banais, contribuindo para aquele que a utiliza como fator auxiliador de estudo uma formação sensível e intelectual de cuidar do outro em sua alteridade empática.

Na mesma linha, Larrosa (2003) discute que a leitura recíproca, aquela que não faz distinção entre sujeito (leitor) e objeto (obra literária), é uma fonte de formação subjetiva para o leitor que aprende com o autor da obra tal qual um diálogo genuíno. Dessa forma, a obra sai da categoria de um mero objeto informativa para uma oportunidade de crescimento pessoal e compreensão mundana. Assim, quando as ideias existencialista começaram a emergir no pós guerra, por exemplo, “(...) obras literárias, políticas e

filosóficas de orientações as mais variadas foram tachadas de existencialismo, o que no grande público, aliás, podia qualificar tanto um modo de vida quanto um estilo literário”, afirma Collete (2009, p.7). É também ao mundo da psicologia e filosofia que a literatura interpõe diálogo, contribuindo imensamente para a adjacência dos fatores criativamente humanos. Portanto, desenvolve-se nesse trabalho aproximações entre a obra Hamlet, a logoterapia e seu caráter analítico existencial.

A OBRA

William Shakespeare (1564-1616) escreveu Hamlet por volta do início do século XVII, adaptando uma lenda preexistente à sua obra Hamlet e aplicando uma forte carga psicológica, tanto em seus diálogos e cenas como na composição identitária de seus personagens, validando uma ideia inédita para a época. Bárbara Heliodora (2014), que assina a introdução da obra Hamlet, traz posicionamentos esclarecedores acerca da obra e do autor:

Em *Hamlet* todo esse novo e sombrio mundo das avaliações, buscas e julgamentos dos processos públicos e privados de se ser ou não ser são apresentados em conjunto pela primeira vez e com maior sucesso em sua realização do que jamais seria alcançado por qualquer dos muitos outros dramaturgos que tentaram temas semelhantes (HELIODORA, 2014, p. 13).

Tal literatura discorre sobre a vida de Hamlet, filho do rei Hamlet (na obra, nomeado de o fantasma do rei), que acabara de ser assassinado pelo próprio irmão, Cláudio, que em decorrência desse ato, ascende a condição de Rei da Dinamarca, desposando sua anteriormente cunhada, Gertrudes, mãe de Hamlet. Este, em fúria, no decorrer da obra busca vingança mediante dessa mácula na honra de seu pai que, durante a peça, aparece na condição de um fantasma que clama vingança para seu filho. Durante a passagem da obra, como será visto no tópico mais à frente, haverá um entremeado de fenômenos emocionais e psíquicos, diante das relações conflituosas entre os personagens. Um forte senso de mágoa e vingança se estabelecerá pela história difundindo em vários atos passíveis de análise psicológica. Dentre eles, o sentido de vingança, o amor desordenado, a loucura que migra de uma dissimulação para se alcançar algo para uma

verdadeira loucura do *phatos* (paixão exacerbada), reflexões sobre o suicídio, sobre o homicídio e elucubrações de sofrimento e frustração (SHAKESPEARE, 2014).

Com alguns aspectos de sua genialidade, Shakespeare chegou ao patamar da literatura, perdurando até hoje como um dos maiores escritores de todos os tempos; deixando sua marca em textos trágicos e dramáticos que apresentam a quem os lê um estudo minucioso do ser humano. Nesse sentido, a obra tem essência inesgotável e abertura para interpretações variadas, como a proposta de correlação desse estudo, que se enveredará por diversas visões de homem.

LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL: breve introdução

Viktor Frankl (1905-1997) é o criador da Logoterapia. Foi psiquiatra por formação, mas trouxe uma teoria que se pode aderir tanto a psicologia como a filosofia e, inclusive, a análises literárias. Frankl ficou bastante conhecido por sua história de vida e como a enfrentou, superando suas tormentas e dificuldades. Um dos textos introdutórios de seu livro, *Em busca de sentido* (1946/2015), feito pelo famoso psicólogo e amigo de Frankl, Gordon Allport:

Neste livro, o Dr. Frankl descreve a experiência que o levou à descoberta da logoterapia. Prisioneiro durante longo tempo em campos de concentração, onde seres humanos eram tratados de modo pior do que se fossem animais, ele se viu reduzido à existência nua e crua. O pai, a mãe, o irmão e a esposa de Viktor morreram em campos de concentração ou em crematórios (...). Como foi que ele – tendo perdido tudo o que era seu, com todos os seus valores destruídos, sofrendo fome, frio e brutalidade, esperando a cada momento a sua exterminação final – conseguiu encarar a vida como algo que valia a pena preservar? (FRANKL, 2015, p. 5).

Etimologicamente, a logoterapia é uma quer dizer “Terapia do Sentido”, onde *logos*, do grego, significa sentido, discurso sensitivo, e *therápis*, terapia ou cuidado (LIMA NETO, 2013). Portanto, a logoterapia vai se preocupar em trazer e facilitar o sentido do indivíduo, desde sua ordem, suas direções conscientes, ao significado e processamento dos fenômenos que lhe surgem, instigando-o a refletir e a *posteriori*, responder ativamente. Pela ética da logoterapia, o sujeito é responsável por atribuir sentido a sua vida e tem na ligação com o seu meio uma escolha e um compromisso ciente de que o mundo e suas relações não são definitivamente felicidade plena, mas que pode ser possivelmente

adaptável a existência, dependendo da circunstância de sua vida e de como ela é vivenciada (FRANKL, 2015).

A busca do indivíduo por um sentido é a motivação primária em sua vida, e não uma “racionalização secundária” de impulsos instintivos. Esse sentido é exclusivo e específico, uma vez que precisa e pode ser cumprido somente por aquela determinada pessoa. Somente então esse sentido assume uma importância que satisfará sua própria *vontade* de sentido (FRANKL, 2015, p.124-125).

Correlato com a logoterapia, Frankl criou a análise existencial, trazendo em seu livro intitulado *A presença ignorada de Deus* (1948/2016), pontuações sobre o que seria a análise existencial, condizente em um método de premência a existência singular do homem, buscando desdobrar seus projetos de vida e os focos em meio a esses projetos. Atesta-se no bojo dessa travessia, a afirmação da existência, como sentido magistral e único do ser humano. Cabe-se a indagação acerca do sentido da vida que, não por acaso, o próprio deverá responder, pois todos os fatos da existência são transcendidos no mundo, portanto ligados a este, que reflete o fenômeno para a probabilidade da experiência de captação resultando no alcance de sentido e reflexão. Segundo Frankl (2016, p, 17): “Explicamos que não é o ser humano quem faz a pergunta sobre o sentido da vida, mas ao contrário, o próprio ser humano é o interrogado, é ele que deve responder (...)”. Destarte, tanto a logoterapia como a análise existencial são criações de Frankl e equacionam-se para entender o ser humano, enquanto busca de sentido, por meio do trajeto da existência que se faz minucioso e essencialmente idiossincrático, podendo abarcar dessa maneira, a obra Hamlet, em seus dados trazidos e apresentados a seguir.

HAMLET E O TEOR LOGOTERÁPICO EXISTENCIAL

Logo na cena I, ato I do livro, a sensação que espreita o leitor é a de que algo negativo aconteceu. É percebido após alguns diálogos que o rei morreu e um fantasma assombra a região do castelo. Horácio (amigo do príncipe Hamlet), que vigiava o reino, expõe suas sensações: “Não sei qual o propósito que o trouxe, porém, na minha rude opinião, é mau presságio para o nosso reino” (SHAKESPEARE, 2014, p.23). A imagem do

rei defunto, assustador e decrépito, espanta os vigilantes, mas Horácio, muito sagaz, entende o que o espectro desejava: “Ao jovem Hamlet; pois, por minha vida, esse espírito mudo para nós, só quer falar com ele (...)” (SHAKESPEARE, 2014, p.27). Na visão da análise existencial de Frankl (2016), a situação referida que permeia toda a obra pode ser comparada com um elemento discutido na logoterapia chamado de inconsciente espiritual, feito aqui, sem desvalorizar o apetrecho fictício da literatura. Para Frankl, esse fenômeno seria um complemento ao inconsciente freudiano, de fatores espirituais, e não somente mais de instintos, desejos bloqueados e traumas passados, dando consistência a ideia de corpo, mente e espírito como um enlace indivisível em relação com o universo. “Há mais coisas, Horácio, em céus e terras, Do que sonhou nossa filosofia” (SHAKESPEARE, 2014, p. 53).

A falta de explicação para determinados acontecimentos se vêm preenchidas por um possível sentido não dado, que surgem mais esclarecidos, quando averiguados fatores que precederam os fenômenos inefáveis. “Trata-se, de um lado, da existência e, de outro, de tudo aquilo que pertence à facticidade. Enquanto a existência, conforme sabemos, é algo essencialmente espiritual, a facticidade compõe-se tanto de elementos psicológicos quanto fisiológicos (...)” (FRANKL, 2016, p. 21-22).

Tal metáfora do espectro do rei morto que aparecerá somente a Hamlet, mas que assustará também outros personagens, planeia a ideia de um assassinato trágico marcado por violência e emoção na vida de todos que habitam o reino e consideravam o antigo rei uma figura de respeito e regimento do bem-estar da comunidade. Esse inconsciente espiritual, pode retratar a ideia simbólica de Hamlet e do fantasmagórico pai que roga por uma vingança diante sua morte. A dúvida do que realmente ocorreu e o encargo imaginário/literário da situação, solidificam a possível comparação entre a ideia de inconsciente espiritual da logoterapia e a obra clássica. Nesse quesito, promulga a noção de um atordoamento consciente de Hamlet, devido a toda uma suscetibilidade que a situação impôs e ainda fatos como a saudade, o luto e a raiva vem à tona:

Hamlet – “Parece, não, senhora; é, não “parece”. Não é apenas meu casaco negro, Boa mãe, nem solene roupa preta, Nem suspiros que vêm do fundo da alma, Nem o aspecto tristonho do semblante, Co’as formas toda da aparente mágoa Que mostram o que o homem representa: Mas eu tenho no

peito o que não passa; Meus trapos são o adorno da desgraça (SHAKESPEARE, 2014, p. 30).

Na cena V, Hamlet vai de encontro ao suposto fantasma do pai, onde atesta a verossimilhança dos fatos e ainda põe a si o encargo de vingança do pai, que explana todo o acontecido da traição, jurando para ele matar Cláudio (seu tio e novo rei) que o envenenara:

E após ouvir, deves vingar-me (...) Sou o espectro de teu pai; (...) Vinga a sua alma e o seu assassinato! (...) Essa víbora, adúltera e incestuosa, Cujos feitiço, cujos dons traiçoeiros (...) Não deixa o leito real da Dinamarca Ser guardada do incesto e da luxúria (...) (SHAKESPEARE, 2014, p. 47-49).

Diante de toda essa condição pela qual Hamlet cientemente foi posto, a logoterapia, ainda no quesito de inconsciência espiritual, contribui explicando o teor do despertar encontrado frente a factível ativação da consciência de liberdade. Tal liberdade acompanha a constituição humana de responsabilidade e sentido e liberta e capacita a ação como um projeto de vida, tal qual a vingança de Hamlet, que poderá emergir como sentido (FRANKL, 2016).

Portanto, prosseguindo pelo viés da logoterapia, outro fator símile à obra, é a questão bastante debatida por Frankl, a saber, o sentido da vida. O sentido da vida de Hamlet, a partir do contrato com o pai, permeará toda a obra afirmando quesitos como a temporalidade, a consciência moral dos fatos, a angústia que penetrará os seus atos seguintes e sua própria existência. Frankl (2015, p. 133) assevera: “O que importa, por conseguinte, não é o sentido da vida de um modo geral, mas antes o sentido específico da vida de uma pessoa em dado momento”. São validados os entendimentos sensitivos e mentais que se desdobram pelo decorrer da vida do sujeito, cabendo ressignificar o sentido ou até mesmo endossá-lo mais e mais, fortalecendo a vontade de pô-lo em concretude, como é visto no clímax da história shakespeariana.

O AMOR EM HAMLET E NA LOGOTERAPIA

No clássico, é possível ver uma relação amorosa entre Ofélia, filha de Horácio (conselheiro de estado) e Hamlet. Um amor deveras confuso e volúvel, como retrata a obra em algumas cenas:

Polônio – Por deus como foi que te assustaste? Ofélia – Senhor, ‘stava eu cosendo no meu quarto, Quando o príncipe Hamlet, maltratado (...) Como se nos viesse dos infernos Falar de horrores – vem diante de mim. Polônio – Louco por teu amor? Ofélia – Senhor, não sei, Mas temo que seja assim (SHAKESPEARE, 2014, p. 58).

É possível observar ao longo da ação do texto que Ofélia ama Hamlet, mas não tem certeza absoluta desse amor sendo insuflada de dúvidas a respeito da paixão do príncipe por ela (Shakespeare, 2014). Ao falar rapidamente do tema amor em sua obra, Frankl (2015) destaca o sentido do amor como uma maneira de apreender no íntimo a personalidade do amado, podendo a partir desse movimento significativo, certificar por alguns momentos a essência do outro ser humano enlaçado amorosamente. É possível ver comparações entre a logoterapia no amor e o relacionamento dos personagens, pois, é no amor conturbado com algumas adversidades enfrentadas que se encontra um sentido resiliente, sentido esse que configura o conhecimento identitário do outro ou, nas palavras de Frankl (2015, p. 136): “A terceira forma de encontrar o sentido na vida é sofrendo”.

Diante disso, em toda a obra Hamlet enfrenta problemas por atribuir um peso reflexivo muito grande a sua causa, pois a vontade de vingança, o ódio pela situação, o amor incerto e “enlouquecido” por Ofélia e os acontecimentos finais do livro, como a morte de seu amor, a morte de Polônio em uma circunstância acidental e a vingança alcançada que acaba por desencadear a morte do próprio Hamlet, figuram a tríade trágica proposta por Frankl (2015). Diz Polônio, ao dialogar com o Rei e a rainha: “Resumo: vosso filho enlouqueceu. Ficou louco, e a loucura verdadeira Não se define: é louco quem é louco. Mas basta.” (SHAKESPEARE, 2014, p. 63). Hamlet ao vivenciar todas essas movimentações estressantes (conflito com o tio e a mãe, juramento para com o pai, o amor inconsistente por Ofélia), paira em loucura, atinge picos de mágoas e irritações que disponibilizam a ele a ascensão para o pagamento de sua desforra.

A TRÍADE TRÁGICA EM HAMLET

É provável dizer que toda a obra é transpassada pela ideia da tríade trágica, enumerada por Frankl (2015) em três categorias: a culpa, a dor e a morte. Primeiro, a pessoalidade da culpa de Hamlet em ter visto seu pai morrer, seu tio desposar sua mãe e não poder ter feito nada que revertesse a situação até que tomou providências reativas para tal. O sofrimento, que é visto em todo o percurso da obra, devido Hamlet divagar muito sobre questões de sua existência e desejos mal resolvidos, expondo a dificuldade inata do ser humano em estar lançado ao desprazer vivencial que as frustrações evidenciam. E, por último, a condição ontológica da morte, talvez mais explícita no famoso monólogo em que Hamlet reflete sobre a existência e sua finitude:

Ser ou não ser, essa é que é a questão: Será mais nobre suportar na mente As flechadas da trágica fortuna, Ou tomar armas contra um mar de escolhos E, enfrentando-os, vencer? Morrer – dormir, Nada mais; e dizer que pelo sono Findam-se as dores, como os mil abalos Inerentes à carne – é a conclusão Que devemos buscar. Morrer – dormir (...) (SHAKESPEARE, 2014, p. 85).

O ponto desse excerto de Hamlet elucida muitas questões que estavam no entorno da personagem, desde a vontade de matar e morrer à possível entrada em um novo contexto de vida, se todo o planejado ensejasse em vitória, solidificando uma identidade repleta de dúvidas, angústias, rancor e projetos malfadados. Diante da tríade trágica e comparando-a ao contexto da história tratada aqui, Frankl (2015, p. 162) considera que “(...) nossa maneira de ver o ser humano não é alguém que busca a felicidade, mas sim alguém em busca de uma razão de ser feliz”. Essa razão foi dada a Hamlet, através da missão de resgatar a honra maculada do pai e matar o traidor da Dinamarca resgatando a dignidade familiar.

Foucault (1926- 1984), em seu livro a história da Loucura (2014), reflete sobre alguns autores que trataram o desatino como uma maneira de exprimir a condição humana na literatura, dentre eles Shakespeare e Cervantes. “Em Cervantes ou Shakespeare, a loucura sempre ocupa um lugar extremo no sentido de que ela não tem recurso” (Foucault, 2014, p. 39). Em Hamlet, a loucura ganha uma intensa roupagem no sentido do matar e morrer, o assassinato ardiloso de Cláudio vira uma missão para Hamlet

que, desassossegado com a situação, não se permite fazer outra coisa que não seja pôr fim a esse encargo familiar. A obra em seu findar tem uma resolubilidade catastrófica, pois Hamlet, ao duelar com Cláudio, é cortado pela lâmina envenenada da espada do rei. Ao saber de sua iminente morte, desfere um golpe mortal em Cláudio, denotando uma característica consciente de ter sanado a dívida paterna. Porém, inconscientemente, o sentido de matar Cláudio e, por consequência, também ter sua morte garantida, representa uma afirmação de sua existência e de seu projeto rumo ao desejo maior de seu pai, condensando esse desejo a insatisfação particular com toda a situação. Morre, assim, Hamlet, com a vontade que todos saibam de sua história e com uma hipótese de felicidade por ter realizado seu sentido mor.

(...) O violento veneno me domina O espírito. Eu não vivo até que cheguem Notícias da Inglaterra. Mas auguro Que a eleição será de Fortimbrás. Dou-lhe o meu voto, embora na agonia. Diz-lhe o que se passou e as ocorrências Que me envolveram. O resto é silêncio (*Morre*) (SHAKESPEARE, 2014, p. 173).

Esse silêncio condiz muito com a paz que, em vida, o protagonista da obra não pôde alcançar após designada a missão pelo pai. Contudo, a partir desse reconhecimento do sentido, Hamlet passou a habitar um potencial trágico experiencial demonstrando, no trajeto da peça, uma consciência absoluta diante dos fatos, derrocando a personagem uma degradação sucessiva. No que diz respeito a questão trágica da existência, Viktor Frankl refere-se a Nietzsche logo no começo de sua obra, referindo que o fato do sujeito possuir um horizonte de motivação muito possivelmente faz com que ele enfrente variadas e árduas condições que a vida o dará. Nietzsche (1844-1900), na sua obra *O Nascimento da tragédia no espírito da música (1872/1992)*, retrata que o trágico é uma criação grega sobre a existência, sendo representada no teatro, mas que concerne a ideia de uma equação de estilos de vida entre Deus Apolo, que valoriza as formas perfeitas, a beleza magistral, os contornos polidos, jurisdicionais e a vida hermética, enquanto o outro polo, representado por Deus Dionísio (Baco) diz respeito ao louvor dos desejos atendidos, do gozo, dos bacanais e da vida dos prazeres, trazendo uma analogia a vida humana em que estamos passíveis de viver uma vida de prazeres, mas também uma vida obediente a regras e exigências consuetudinárias (NIETZSCHE, 1872/1992). Logo, vemos que Hamlet é uma

obra trágica, eminentemente feita para teatro, que alavanca a ideia de vida trágica, onde existe um engajamento de tarefas para se cumprir e um gozo de fazê-las, mesmo que isso custe a vida, demonstrando o sentido a partir desse fim.

CONCLUSÃO

Assim, o trabalho apresentado salienta a importância do conjunto literatura, psicologia, filosofia que tratem da vida e de casos da existência que possam discutir parâmetros de investigação e compreensão da inventividade humana, em seus aspectos que coadunam com aflições, infortúnios e acontecimentos que retratam o sofrimento humano em seu âmbito mais existencial. Dessa maneira, a obra clássica Hamlet de Shakespeare é uma grande metáfora da consciência humana, podendo ser inserida nos estudos da logoterapia de Frankl, já que seu formato de teoria idiossincrática do sentido, possibilita a interpretação ímpar de cada um que a lê. Possuindo muito a ser explorado e produzido, não só na obra, mas na própria teoria de homem construída por Dr. Frankl que pretende apurar e deter os significados derivados da sensação de escolha precedente a reflexão como sensação prioritária do próprio ser enquanto capaz de assimilação. O presente manuscrito não intentou trazer um trabalho fechado e pronto, mas buscou ampliar as indagações interdisciplinares no âmbito acadêmico, promovendo a relação entre arte e ciência como um composto que pode ser trazido a discussão. Acima de tudo, procurou-se implicar o texto de Shakespeare e a teoria de Frankl como instigadores aos entendimentos dos fatores humanos.

REFERÊNCIAS

CALVINO, I. *Por que ler os clássicos?*. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

COLLETE, J. *Existencialismo*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2009.

FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FRANKL, V. E. *A presença ignorada de Deus*. Petrópolis: Vozes, 2016.

_____. *Em busca de sentido*. Petrópolis: Vozes, 2015.

FREIRE, J. C. Literatura e psicologia: a constituição subjetiva por meio da leitura como experiência. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 60, n. 2, p. 2-9, 2008.

LARROSA, J. *La experiencia de la lectura: estudios sobre literatura y formación*. México: FCE, 2003.

LIMA NETO, V. B. Existência e sentido: a logoterapia como uma genuína psicoterapia fenomenológica existencial. *Logos & existência*, v. 2, n. 1, p. 2-15, 2013.

NIETZSCHE, F. W. *O Nascimento da Tragédia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SHAKEASPEARE, W. *Hamlet*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

HELIODORA, B. Introdução. In: **SHAKEASPEARE, W.** *Hamlet*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.